



SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA XXVIII SIC

paz no plural



Evento	Salão UFRGS 2016: SIC - XXVIII SALÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFRGS
Ano	2016
Local	Campus do Vale - UFRGS
Título	O uso de implícitos durante a Ditadura Militar: um estudo sobre a revista Veja entre 1968 e 1969
Autor	LÚIZA BUZZACARO BARCELLOS
Orientador	ROBERTA SARTORI

Luíza Buzzacaro Barcellos – Escola Superior de Propaganda e Marketing (ESPM)

Professor Orientador: Roberta Sartori

Título:

O uso de implícitos durante a Ditadura Militar: um estudo sobre a revista Veja entre 1968 e 1969

O período da Ditadura Militar tornou-se mais complicado a partir da publicação do Ato Institucional número 5 quando a censura passou a pautar as várias relações das pessoas com e na sociedade onde viviam. Uma das maiores consequências do AI-5 foi um golpe certo e cruel em uma das liberdades mais caras das pessoas, a saber, a liberdade de expressão. A liberdade imprensa, um dos tipos de liberdade de expressão, foi igualmente afetada pelo regime. Os veículos de comunicação naquela época, de uma maneira geral, apoiaram o golpe, mas os jornalistas – protagonistas da imprensa – só saberiam o que realmente significavam a falta de liberdade e a Ditadura Militar após a promulgação desse novo Ato. Dentre as consequências da mão forte do Estado sobre a imprensa está a de que as pessoas passaram a ser informadas apenas do que convinha ao regime - elas viviam entre a falta de informação, a informação irrelevante e a informação falsa. Vários veículos jornalísticos incentivaram e apoiaram o golpe de 1964; contudo, anos depois se arrependiam dessa atitude, pois sofreriam com a censura: produto da ditadura da qual respaldaram. A produção jornalística era vigiada e, muitas vezes, conteúdos eram impedidos de serem publicados, pois, de uma forma ou de outra, manifestavam-se contra o regime ou sobre algum assunto considerado inadequado pelo presidente.

É nesse contexto que surge a revista Veja, com o slogan “O mundo está explodindo e você não sabe por quê.”, propondo uma nova forma de fazer jornalismo, não apenas o noticioso, mas também de caráter interpretativo. Dessa forma, a revista procurava uma maneira de veicular o que outros veículos não conseguiam, muitas vezes, devido à censura. Em tempos como aquele, o emprego de inúmeros recursos linguísticos, através dos quais se pode esconder vários conteúdos por meio de significados implícitos, passaram a ser uma das formas empregadas pelos jornalistas na tentativa de publicar informações que poderiam ser vistas como hostis ao regime. Nesse sentido, apesar dos inúmeros recursos das línguas para gerá-los, há, basicamente, dois tipos de implícitos: aqueles que são gerados a partir de elementos linguísticos propriamente ditos, as pressuposições; e aqueles cuja construção depende de aspectos contextuais, os subentendidos – implícitos estes, abordados pela Teoria da Argumentação na Língua (TAL), proposta por Oswald Ducrot (1987). A fim de investigar que recursos eram esses e como a revista, no caso, os jornalistas, valiam-se deles, para esta pesquisa, foi adotada a metodologia bibliográfica, qualitativa, descritiva e exploratória, além de usar a técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (2011).

Foi possível verificar, através da TAL, que, com a utilização de recursos implícitos, muitos conteúdos puderam ser identificados e compreendidos pelos leitores, sem que essas informações estivessem necessariamente codificadas nos textos – mesmo que, inclusive, os censores também as pudessem identificar. Através dos pressupostos, informações foram enviadas a partir do uso de verbos específicos; já os subentendidos, puderam ser veiculados devido à interpretação dos enunciados em contextos específicos. Seja como for, foi possível perceber nesses implícitos, atos de fala como críticas contra o regime.